

**O DISCURSO DE RESISTÊNCIA DO/NO SUJEITO PRESENTE  
NO MEME: O QUE O MEC REALMENTE QUIS DIZER SOBRE A  
PROPAGANDA DO ENEM 2020**

\*\*\*

**THE RESISTANCE DISCOURSE OF/IN THE SUBJECT PRESENT  
IN THE MEME: WHAT MEC REALLY MEANT ABOUT THE ENEM  
2020 ADVERTISEMENT**

Adilson Vilasboas Seba<sup>1</sup>  
Fabiana da Silva Lira<sup>2</sup>  
Marcos Ferreira Medeiros<sup>3</sup>

**Recebimento do Texto:** 13/10/2022

**Data de Aceite:** 10/11/2022

**RESUMO:** O referido artigo teve como intuito fazer uma análise mobilizando conceitos da Análise de Discurso, articulando o linguístico com o social, em que, buscamos refletir e compreender como o objeto simbólico meme produz sentidos diante da propaganda do Governo Federal, do ano de 2020, utilizou-se principalmente a autora Eni Orlandi, para respaldar nossa pesquisa assim como outros. Obtivemos como conclusão, que a propaganda é riquíssima em sentidos, a resistência do/no sujeito presente em memes sobre a propaganda do ENEM 2020 se dá, então, na ideologia, efeito de transparência da linguagem que é a evidência de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Apagamento. Sujeito. Meme. Alienação.

**ABSTRACT:** This article aimed to make an analysis mobilizing concepts of Discourse Analysis, articulating the linguistic with the social, in which, we seek to reflect and understand how the symbolic object meme produces meanings in the face of the Federal Government's propaganda, of the year 2020, the author Eni Orlandi was mainly used to support our research as well as others. As a conclusion, we concluded that advertising is very rich in meanings, the resistance of/in the subject present in memes about the ENEM 2020 advertising takes place, then, in ideology, an effect of transparency of language that is the evidence of meaning.

**KEYWORDS:** Discourse. Deletion. Subject. Meme. Alienation.

---

1 Mestre pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: adilson\_v.s@hotmail.com

2 Doutoranda pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: Fabiana.vaillant@unemat.br

3 Doutorando pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: marcos.medeiros@unemat.br

## 1. Introdução

O uso de mídias sociais no Brasil tem aumentado de modo significativo, principalmente após o início do isolamento social, em razão da pandemia da Covid-19. Logo, podemos observar diversos embates polêmicos nas redes sociais, mobilizando questões que significam nesta atual conjuntura histórico-social do país, nesse sentido, o meme se constitui como uma linguagem textual capaz de mediar e fazer circular diversas formações discursivas e ideológicas, produzindo sentidos outros. Esse percurso se dá através de plataformas, como o *Twitter*, *Instagram*, *Facebook*, *Whatsapp*, *TikTok*, entre outros.

O meme é um termo grego que significa imitação, o termo é bastante conhecido e utilizado no mundo virtual, refere-se ao fenômeno de viralização, uma informação, ideia, assunto, vídeo, imagem, frase, música entre outras, que se espalhe rapidamente entre vários usuários nas redes sociais, alcançando popularidade em instantes.

Segundo o dicionário Wikipédia, meme é um termo criado em 1976 por Richard Dawkins em seu bestseller, “O Gene Egoísta” e é para a memória o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada como livros.

No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma auto propagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética.

Nesse contexto, iremos analisar um vídeo de divulgação publicitária do Ministério da Educação (MEC) voltado para incentivar alunos/as a se inscreverem no exame nacional do ENEM. A produção foi encarada por muitos como um processo de autopromoção política governamental, em virtude de tentar amenizar a situação social em relação aos reflexos negativos produzidos pela pandemia na sociedade. Por outro lado, a propaganda do Ministério da Educação instigou um internauta a criar e publicar um meme na rede social “Twitter”, ironizando a

publicação do governo.

Segundo Orlandi (1996) os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, isto é, as condições de produção, constituem o sentido da sequência verbal produzida.

Desse modo é nesse cenário de tensão que mobilizamos alguns conceitos da Análise de Discurso, articulando o linguístico com o social, em que, buscamos refletir e compreender como o objeto simbólico meme produz sentidos diante da propaganda do Governo Federal, constitutivamente.

## **2. O Meme**

O meme é um elemento replicador multimodal que se propaga rapidamente pela Web 3.0 com a flexibilidade de passar por inúmeras transmutações linguísticas através das postagens dos usuários da rede, momento este em que os sujeitos agem discursivamente no âmbito digital. Essa manifestação virtual de signos proporciona um contexto linguístico peculiar que reflete vários efeitos de sentidos, ou seja, trata-se de ideias, conceitos e expressões singulares advindas de grupos sociais distribuídos em várias instâncias da plataforma através das postagens e comentários presentes em páginas, seções, grupos, entre outros.

Desse modo, o meme representa uma comunicação massiva e passiva de significações entre os usuários.

Jablonka (2012) destaca que um meme elenca a capacidade de criar neologismos ou de jogar com as palavras. Metáforas, trocadilhos lexicais, comentários humorísticos, irônicos, até sarcásticos.

Nesse aspecto, a multimodalidade presente na junção de imagens, vídeos, sons, frases ou palavras podem transformar-se em um meme, significando no espaço virtual, intermediado pelo usuário nas práticas discursivas online.

## **3. O Texto e o Meme**

Segundo Orlandi (2017) texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte, trata-se da unidade material, ao passo que para o discurso é a unidade teórica. Desse modo, a materialidade linguística necessária para a análise

do discurso, em que considera as formações discursivas ali presentes, pois elas são reflexos para as formações ideológicas.

Para essa autora os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos. Nessa direção, o meme, simbolicamente, é constituído pela exterioridade, pelo interdiscurso, pela memória, mas devemos observar que ele vai produzir sentidos, não olhando para a história, mas constitutivamente quando a propaganda do governo vai defender a sua posição.

Por conseguinte, ao observar o meme enquanto objeto simbólico, nota-se como o tipo de texto referido utiliza diversas linguagens como sons, imagens, símbolos, cores, língua para significar, construindo, dessa forma, o que Dias (2019, p. 60) estabelece como “o equívoco, sob a modalidade da repetição-regularização-deslocamento, é aquilo que se inscreve como efeito linguístico no processo da textualização, seja por meio de uma imagem, vídeo, *gif*, *tag*, enfim, diferentes ‘matérias significantes’. Assim, os memes têm sido produzidos tanto para reafirmar discursos já cristalizados, quanto para romper e instaurar a resistência. “Não há um discurso que não relacione com os outros» (ORLANDI, 2007), quando falamos, relacionamos todos os dizeres imaginários possíveis. Configura-se, nesse ponto, a tensão da paráfrase com a polissemia, a constituição do eixo da linguagem, ou seja, o mesmo e o diferente, é onde a ideologia trabalha.

#### **4. Configuração do Corpus**

Ao se pensar em análise, um dos primeiros passos que devemos considerar é a constituição do corpus. De acordo com Orlandi (2007, p. 63) é necessário fazer uma delimitação, pois “o corpus resulta de uma construção feita pelo próprio analista”.

Desse modo, utilizamos dois recortes para analisarmos, o primeiro foi uma propaganda do MEC que circulou no canal do Youtube no seguinte endereço<sup>x</sup>: <https://www.youtube.com/watch?v=apufjGIIY0> em que incentiva alunos a se inscreverem no ENEM 2020.

O outro recorte, advém da rede social Twitter, no seguinte endereço: <https://twitter.com/fridaymanson/status/1257468756957302787>, que trata-se de

um meme produzido em formato de vídeo em maio de 2020, por fridaymanson para criticar e manifestar uma posição contrária ao governo, no que tange o seletivo anual.

As condições de produção sustentam este embate, pois diante da pandemia, a incerteza de uma vacina, o novo normal, etc. Logo, o Governo Federal tenta ignorar todos os problemas sociais existentes em decorrência da doença. “E se uma geração de novos profissionais fosse perdida?”. “Seria o melhor para o nosso país?” O Estado fala de um lugar institucional, visando a perpetuação da ideologia capitalista de governo, ao passo que exclui o sujeito quando diz melhor para o país. Por outro lado, o meme exalta todos os problemas que o governo tenta apagar, ocorre o discurso de resistência, uma crítica ao ENEM 2020 através do meme.

O trabalho busca analisar “O que o MEC realmente quis dizer”, trazendo o meme para mobilizar conceitos em relação ao político e o simbólico, no funcionamento da língua produzindo sentidos. Pois, de acordo com Orlandi (2013) a análise do discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos e também de como ele está investido de significância para e pelos sujeitos. É nesse aspecto da língua que iremos pensar está questão.

Diante do exposto, podemos notar ainda a questão do egoísmo que, segundo Orlandi (2017), “não é inerente nem é característica definida da natureza humana; esta é transformada, pela própria atividade humana e pela sociabilidade (isto é, o conjunto das relações sociais), naquilo que é.” (ORLANDI, 2017, 217-218). A partir do momento que o Estado impõe a realização do Enem (2021), é refletida também uma forma de apagamento por parte desse.

Para desenvolver esta análise, abarcamos em questões referentes à teoria da resistência do sujeito, desenvolvida por Orlandi no capítulo “Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito”, do livro “Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia” (2017, p. 213-234). Partindo desses conceitos, buscamos trabalhar a análise do discurso, como uma possibilidade de perceber a ideologia presente no discurso do Estado, por meio de uma de suas instituições (MEC), e como o discurso da resistência do sujeito, que se encontra às margens do sistema educacional, se instaura por meio da ironia e da comicidade em um ambiente virtual, possibilitando o acesso imediato e a viralização que dá voz ao *non-sense*.

## 5. Análise

O Brasil, assim como a maioria dos países do mundo, atravessou um momento muito difícil em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus. A sociedade representada pelas classes sociais mais baixas, são as que são mais afetadas neste momento, o problema se intensificou por conta do isolamento social, em que muitas famílias além de dificuldades financeiras sofreram também com a desinformação.

Segundo Orlandi (2013, p. 30,31) podemos pensar as condições de produção a partir da situação na análise do discurso, em sentido estrito ou lato. Pois, a língua é sujeita ao equívoco e à historicidade de modo que as instituições fazem parte da ordem de uma formação social, e as Formações Imaginárias correspondem à imagem do lugar social que o sujeito e seu destinatário atribuem a si mesmos e ao outro. Ou seja, o locutor funda a estratégia do discurso sobre uma antecipação das imagens do destinatário.

As palavras não significam por si, mas pelas posições que ocupam as pessoas que as falam. Assim, o discurso deve ser visto em relação com a exterioridade que o constitui. Portanto, “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 30).

Portanto, como afirma a autora existe uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer. Porque quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação, produzindo sentidos.

Nessa conjuntura, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2020) O Exame Nacional do Ensino Médio é realizado por este órgão desde 1998, avaliando o desempenho escolar no final da Educação Básica e proporcionando o acesso à Educação Superior. Nesse aspecto, o vídeo, veiculado pelo Ministério da Educação em seu canal no YouTube, para as inscrições do ENEM/2020, se constrói a partir da seguinte fala:

E se uma geração de novos profissionais fosse perdida? Médicos, enfermeiros, engenheiros, professores. Seria o melhor para o nosso país? A vida não pode parar. É preciso ir à luta, se reinventar, superar. Dias melhores virão! E é por isso eu quero fazer o Enem este ano, para entrar numa Universidade. Estude! De qualquer lugar, de diferentes formas: pelos livros, internet, com a ajuda a distância dos professores! Faça já a sua inscrição no Enem de 11 a 22 de maio pelo site: [enem.inep.gov.br](http://enem.inep.gov.br). Além da prova em papel, este ano terá o Enem Digital feito por computador em locais indicados pelo MEC. As provas serão no final do ano, até lá estude! Seu futuro já está aí!

Diante da descrição do vídeo, é possível observar o discurso da meritocracia, permeado pela “ilusão da transparência do sujeito para si mesmo” (ORLANDI, 2017, p. 213), por meio de frases como “é preciso ir à luta, se reinventar, superar” ou “[...] até lá estude! Seu futuro já está aí”, evidenciando o lugar do sujeito como dono de si e responsável pelos rumos de sua vida, bem como se inscreve a forma-sujeito-histórica capitalista. Assim, consoante Orlandi (2017, p. 213),

Esquecendo o real e o atravessamento do poder (a força) e o atravessamento do sentido (a ideologia, o equívoco), sugerem que quando se quer, se pode tudo fazer. Ilusões que derivam da ideologia, esta entendida não como ocultação, mas como produtora de evidências, imaginário que relaciona o sujeito a suas condições materiais de existência. Ancilara articulação do simbólico com o político. Apagamento do real da história, de sua materialidade.

Diante disso, ao perceber uma instituição estatal apresentando uma forma de “onipotência no chamado domínio social” (idem), torna-se notória a presença da falha, do esquecimento de uma parcela da sociedade que se encontra às margens, que não é vista pelo Estado capitalista, pois não é digitalmente alcançada e, assim, propicia-se o discurso da resistência, no não-dito, no inalcançado, na possibilidade de outros dizeres.

Não obstante, ao parafrasear o vídeo do MEC, @fridaymanson fez uma paródia em resposta, configurando o cenário pandêmico em que os brasileiros

passaram, e ainda estão passando, em vários lugares do Brasil devido ao coronavírus. O vídeo intitulado como “O que o MEC realmente quis dizer” é produzido de modo a ativar várias linguagens como: a verbal, por meio da língua falada, que é enunciada por uma travesti; a língua escrita, com apresentação de notícias no canto inferior do vídeo; e linguagem não verbal por intermédio das cores das roupas que @fridaymanson utiliza durante a encenação, suas maquiagens e sua linguagem corporal. Dessa forma, o texto enunciado, na íntegra, diz:

E se uma nova geração de profissionais nem chegar a existir só por conta de uma gripezinha?/ Não puderam estudar porque não tinham internet ou estavam com fome, ou até mesmo afundaram em depressão e ansiedade, será que seria o melhor para o nosso país?/ E é por isso que esse ano eu quero fazer o Enem, eu quero passar na frente de todo mundo que não vai ter como se preparar e garantir o meu lugar numa Universidade pública e aumentar o elitismo daquele lugar, porque Universidade não é lugar de pobre./ Estude! Pare de reclamar, tanto vitimismo, isso não vai levar você a canto nenhum! Uma gripezinha dessa? Eu estou fazendo a minha parte, aqui no meu apartamento tendo aula online com meus 15 professores que estão a minha disposição./ E falando dos meus professores, eles que lutem também, porque em meio a essa crise eles estão se lascando para aprender a dar conta de tanto recurso digital!/ Querem adiar o ENEM só porque essa gripezinha matou algumas pessoas! Você acredita?/ Mas você, *haha*, você que lute porque passando ou não, com o Enem adiando ou não, a minha família tem como pagar uma Universidade particular para mim./ Agora se vocês me permitem eu preciso ir porque o meu jantar *lowcarb* acabou de chegar e eu preciso atualizar o meu *TikTok*. *Beijinhos!*

Ao entrelace desse discurso irônico e crítico são apresentadas várias notícias que servem para contestar e apontar os problemas em se realizar uma propaganda elitista e meritocrática num cenário tão caótico quanto o que se configura o Brasil atual.

Por conseguinte, uma das imagens exibidas no vídeo refere-se ao fato de que a Ubes e UNE lançaram uma campanha para adiamento do ENEM, ao passo que muitos brasileiros não teriam condições de fazê-lo. Outra notícia apresentada diz respeito à manifestação de vários estudantes que criticaram o vídeo do Inep

sobre o ENEM que diz: “*a vida não pode parar*”. Conforme Orlandi (2007, p. 33), “as formações discursivas devem ser definidas como “regiões de confronto de sentidos” (op. cit., p.11) que se encontram em permanente movimento e mudança.”. Destarte, as formações discursivas já cristalizadas abrem espaço aos sentidos novos, à voz do que não tinha espaço de fala antes da possibilidade do meme, da crítica cômica vinda de uma travesti, que só com sua figura, sua maquiagem extravagante, suas joias no pescoço, suas perucas, já significa e resiste ao já-dito e postulado pelo Estado.

Diante do enunciado formulado pelo MEC e manifestado de forma contraditória em meio a um cenário fúnebre para muitas famílias em plena pandemia, ao considerar que muitos jovens, adultos e adolescente viriam a realizar o ENEM no ano de 2020 com o intuito de providir melhorias em suas vidas, buscando se encaixar no mundo capitalista, se colocar como sujeito incluso nos moldes da sociedade que, ideologicamente, transforma as instituições de ensino numa enorme máquina de produzir força de trabalho.

Nesse sentido, retomamos o excerto que diz: “*a vida não pode parar*”, para mencionar que a vida parou. Parou para muitos. Parou para quem se foi, parou para quem ficou, parou para quem passou fome, parou para aqueles que se afundaram na depressão e parou devido às dificuldades de mais de trinta milhões de brasileiros que não possuíam acesso à internet e que não tiveram condições de estudar nesse período. Haja vista, que um terço dos candidatos às Universidades não têm acesso à EAD.

Podemos perceber um processo que se desenvolve entre univocidade e equívoco, o sentido não está nas palavras em si, o sentido existe conforme as posições sustentadas por aqueles que as empregam. As palavras, expressões, proposições, etc, mudam de sentidos segundo essas posições sujeitos. (ORLANDI, 2007). O que pode ser visto, comparando-se os dois vídeos.

Assim, considerando o vídeo do MEC, pode-se observar também uma segregação de pessoas menos favorecidas que ficaram à margem da sociedade, prejudicadas por causa do não adiamento da realização do ENEM/2020.

E talvez seja justamente aí que podemos pensar a noção de resistência. Fora dos padrões em que tem sido pensada. Porque as formas de assujeitamento são outras, a conjuntura

histórica é outra, o capitalismo desenvolve outras formas de dominação e segregação. E se produzem outras formas de resistência. (ORLANDI, p. 225-226)

De acordo com a autora, ao pensar a noção de resistência, devemos compreender que as diversas maneiras de assujeitamento em nossa sociedade de direito e de deveres são outras, devemos refletir sem apagar as diferenças, pois o capitalismo tem por objetivo impor na sociedade a segregação, para poder perpetuar o seu domínio ideológico.

Observando o vídeo do MEC, nota-se a postulação de uma visão geral acerca da sociedade, como se todos fossem iguais, Logo, “pensamos que esta já é uma forma da ideologia funcionar na relação dos ‘alienados’ e as relações de poder”. (ORLANDI, 2017, p. 227). Pois, são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz de um jeito e não de outro.

há a formação de um consenso em uma sociedade como a nossa em que [...] está definida pelo modo de segregação – os que devem ser excluídos [...] e que quando pensamos por outro lado, podemos compreendê-la enquanto forma de resistência ou pelo menos de deslocamento e então seu sentido é outro. E convoca o sentido de alienação. (ORLANDI, 2017, p.225).

Os sujeitos alienados, “em que se subtraem, ou são subtraídos pela falha ao apagamento do seu eu social, e de alguma forma se objetivam em suas relações. Resistem?” (ORLANDI, 2017, p. 228) Será que esses sujeitos resistem nesse embate onde são desfavorecidos no sistema educacional? Há uma interpelação em sujeito que se constitui na interpelação do indivíduo pela ideologia no simbólico.

Nessa perspectiva, a forma-sujeito-histórica no mundo moderno é a forma capitalista a qual vem sendo caracterizada no jurídico. Assim, o é: sujeito de direitos e deveres, ao mesmo tempo livre e limitado. Temos, então, os modos de individuação do sujeito pelo Estado “estabelecidas pelas instituições e discursividades, resultam, assim, em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade, com direitos e deveres e direito de ir e vir.” (ORLANDI, 2017, p. 228). É no processo de individuação que o sujeito tem o apoio ou não do

Estado, a ausência de apoio do Estado produz indivíduos que resistem, ou não!

Nessa concepção de sujeito individuado, “a resistência pode se dar no movimento que se faz da forma-sujeito-histórica” (ORLANDI, 2017, p. 229) em se tratando de uma individuação pelo Estado, em uma sociedade de mercado predominante, ele “falha em sua função de articulador simbólico e político. E funciona pela falha” (Idem). “Essa falha é uma falha necessária para o funcionamento do sistema [...] os sujeitos, se individualizam pela falta, na falha do Estado. O que contribui para que sejam postos em um processo de segregação”. (Ibidem).

Em consonância com o vídeo de @fridaymanson, percebe-se que há um efeito metafórico, que há deslizamento dos sentidos através da metalinguagem. O sujeito leitor é chamado a interpretar pelo humor, pela ironia que constituem a textualidade desses enunciados, pois “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentidos sem interpretação” (ORLANDI, 2007, p. 09). O humor é uma forma de propagação, de denúncia, que avisa e instiga a diversão em qualquer situação.

O humor se faz necessário para a vida humana e cabe aos sujeitos do discurso estabelecer a forma de divulgação do mesmo, por isso, esses vídeos merecem atenção especial na construção dos sentidos, principalmente o vídeo da instituição MEC, por ter sido utilizado para ultrapassar problemas cotidianos mediante ao cenário pandêmico causado pela Covid-19, onde várias vidas foram ceifadas pelo coronavírus, várias pessoas sofreram pela perda de um familiar, de um ente querido ou de um amigo, “*a vida não pode parar*” se configura e faz sentido pela contradição deste momento histórico.

O discurso tem uma historicidade de sentidos e nesse efeito há transferência de sentidos através de uma palavra por outra. Remete-nos à memória, ao interdiscurso, fato pelo qual a ideologia acaba sendo representada no sujeito através do inconsciente, por isso, às vezes, repete-se algo que foi dito antes ou que poderia ter sido dito.

Sabemos que o interdiscurso, como diz M. Pêcheux (1988, p. 162), é esse todo complexo com dominante das formações discursivas, também ele submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação, que como diz o autor, caracteriza

o complexo das formações ideológicas. Segundo Pêcheux (2011), elementos que funcionam em uma formação discursiva, dado o funcionamento do interdiscurso, podem ser metaforizados e se deslocar historicamente. (ORLANDI, 2017, p. 230).

Retomando, também, a fala do final do vídeo: “*seu futuro está aí*”, como analistas de discurso, faz-se necessário perceber o efeito de sentido que vai produzir, mesmo que os dizeres não sejam aquilo que fala, perceber que tem uma ideologia falando nele, inconscientemente, dada as condições de produção. Para tal, nas condições de produção temos que considerar: o sujeito, a situação, a memória discursiva, formações imaginárias, etc.

É nesse sentido que se pode considerar, perante o momento sócio histórico em que o país perpassa, que o *futuro* ali sugerido seria a morte para os menos favorecidos, não só a morte física, mas a morte por ineficiência, por incapacidade de interagir com a sociedade. Nos memes há um deslizamento de sentidos com efeito de ironia mediante a situação, há uma relação de causa e efeito nesse processo metafórico sustentado com essa formação discursiva. “Assim, o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido, que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que termina essa formação discursiva como tal.” Dessa forma, (ORLANDI, 2017), considera que “a questão da resistência está, de um lado, vinculada a relação entre forma-sujeito-histórica e a individuação do Estado; e de outro, pelo processo de identificação do sujeito individuado com a formação discursiva em sua vinculação ao interdiscurso”. (ORLANDI, 2017, p. 230).

Desse modo, nesse processo em que o sujeito individualizado se identifica, pode haver rupturas, pois ao mesmo tempo em que “a falha do Estado é estruturante do sistema capitalista, a ideologia é um ritual com falhas (M. Pêcheux, 1982). E a falha é o local do possível.” Por conseguinte, é no equívoco que o meme se constitui. Pois, o meme se configura por meio de condições de produção específicas do contexto das tecnologias digitais.

Dessa maneira, de acordo com Dias (2019, p. 64), “no Twitter, o sujeito tuíta”, assim, torna-se necessário levar em conta que a relação entre significação e meio estabelece que a circulação é constitutiva do sentido de postar (Idem). Para

tanto, ao realizar uma análise, *verbi gratia*, do excerto do meme que diz: “E é por isso que esse ano eu quero fazer o Enem, eu quero passar na frente de todo mundo que não vai ter como se preparar, e garantir o meu lugar numa Universidade pública e aumentar o elitismo daquele lugar, porque Universidade não é lugar de pobre”, nota-se o jogo de ironia presente nesse discurso, propiciando o deslizamento de uma formação discursiva a outra de modo a considerar o lugar de fala de um sujeito regido pela sociedade burguesa: “ordem da desumanização e da alienação.” (ORLANDI, 2017, p. 216), evidenciando os modos de segregação do Estado nos processos de individu(aliz)ação do sujeito e os efeitos da humilhação ao promover o isolamento, o abandono e a impotência.

Além disso, ao relacionar as notícias apresentadas e as falas da personagem @fridaymanson, a análise é levada a questão do interdiscurso, entre o já-dito e o deslizamento o meme se coloca da seguinte forma:

Um meme é sempre um desdobramento de sua própria textualidade, um possível de sua margem, uma “materialidade repetível”. A deriva - seja da imagem, da situação, da estrutura, da formulação - é a condição da matéria textual do meme no interior de uma série que se sustenta pela repetição como espaço de estabilidade. Com isso, a repetição é aquilo que sustenta o funcionamento de um meme no interior de uma série significante, enquanto a deriva, é aquilo que garante a diferença no interior da repetição. E essa diferença é produzida pela relação com o interdiscurso. (DIAS, 2019, p. 67).

Destarte, os dizeres presentes no vídeo se instauram na posição do Estado em se abster e silenciar uma parcela enorme de brasileiros pobres, afetados pela Covid-19 e, mais uma vez, esquecidos no processo de segregação.

No que tange ao desenvolvimento socioeconômico de muitos, a vez agora - e talvez nunca tenha deixado de ser - é da elite, e dizer que “Universidade não é lugar de pobre” como uma referência à fala de uma instituição estatal, evidencia que a Universidade, bem como os outros meios de domínio social do Estado, funciona, para o sujeito, como a possibilidade de participar da parcela dominante da sociedade capitalista que, nesse caso, não abre espaço ao marginalizado.

## 6. Conclusão

As considerações aqui poderiam ser várias, essas materialidades linguísticas são riquíssimas em sentidos, podendo ser trabalhadas com mais profundidade numa análise futura, porém detemo-nos apenas na breve consideração em que discorreremos em nosso trabalho, observando os embates polêmicos com o levantamento de questões que marcam o momento histórico-social do país, ocasionado pela Covid-19, um momento pandêmico que assola o medo nas pessoas de todo o país e do mundo.

O que nos cabe considerar, conforme Orlandi (2017, p. 231) é que “resistência é fazer sentido no interior do não-sentido. É preciso pensar a resistência fora de uma perspectiva humanística ou pragmática, pensando o simbólico, o ideológico e o histórico.” A resistência do/no sujeito presente em memes sobre a propaganda do ENEM 2020 se dá, então, na ideologia, efeito de transparência da linguagem que é a evidência de sentido.

E o real do sentido é a possibilidade dele ser múltiplo. Pode-se dizer que nas formas atuais de assujeitamento do capitalismo, há um resto, nas relações dissimétricas, que produz a resistência, não como heróis, mas na divergência desarrazoada, de sujeitos que teimam em (r)existir. Como diz (K. Marx, 1844), esse sujeito é o sujeito não alienado, sabe discernir e reconhecer o conteúdo e o efeito de sua ação interventiva nas formas sociais, este que sabe pensar por si mesmo.

## 7. Referências

DIAS, Cristiane. **Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes**. Rev. Rasal © - Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos - 2019: 55-74

GRIGOLETTO, Marisa. **A resistência das palavras: discurso e colonização britânica na Índia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

JABLONKA, Edyta. **DO EMOTICON AO MEME – EVOLUÇÃO DOS SÍMBOLOS NACOMUNICAÇÃO VIRTUAL**. João Pessoa. v. 17, n. 1, p. 106-118, 2012.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Torino: Einaudi, 1968.

MANSON, Friday (fridaymanson). **O que o MEC realmente quis dizer**. Disponível em: <https://twitter.com/fridaymanson/status/1257667060081065986>. 05 de fevereiro de 2022, 09:42 am. Tweet.

MEC, ENEM 2020 - Inscrições. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apufjGIY0>. Acesso em: 02/02/2022.

ORLANDI, Eni P. -11ª Edição, Campinas, SP Pontes Editores, 2013.a **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria e efeito do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.